

## O ILUSÓRIO "SONHO DA CASA PRÓPRIA" EM COMPARAÇÃO À POLÍTICA DE MORADIA GRATUITA NA REPÚBLICA POPULAR DEMOCRÁTICA DA COREIA: IMPLICAÇÕES AO CONTEXTO BRASILEIRO

Matheus Santos Rangel<sup>1</sup>

**RESUMO:** O principal objetivo do presente artigo revela-se como sendo promover uma comparação direta entre os modelos capitalistas ocidentais e a modalidade socialista norte-coreana no contexto da indústria imobiliária em frente à livre distribuição de moradia, visando estabelecer contrapontos entre ambos. Para tanto, compõe-se explicações acerca de algumas das principais características históricas coreanas, visando tornar-se possível compreender as origens de sua ideologia político-social, e analisam-se elementos constitucionais da nação, contrastando-os com o capital. Por fim, assimilam-se as conceituações alcançadas às circunstâncias brasileiras, pois os fundamentos desse documento baseiam-se em justamente propor uma série de perspectivas à possível eventual incorporação desses componentes em nossa sociedade latino-americana.

**Palavras-chave:** História. Casa Própria. República Popular Democrática da Coreia.

**ABSTRACT:** The main objective of this article is to promote a direct comparison between Western capitalist models and the North Korean socialist modality in the context of the real estate industry in front of the free distribution of housing, aiming to establish counterpoints between both. For that, explanations are composed about some of the main Korean historical characteristics, aiming to make it possible to understand the origins of its political-social ideology, and constitutional elements of the nation are analyzed, contrasting them with capital. Finally, the conceptualizations achieved are assimilated to Brazilian circumstances, since the foundations of this document are based on precisely proposing a series of perspectives for the possible incorporation of these components in our Latin American society.

806

**Keywords:** History. Own Home. Democratic People's Republic of Korea.

### ALGUMAS CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS SOBRE A RPDC <sup>2</sup>

O medo é um sentimento poderoso.

De acordo com Delpierre (1974, p. 27), o medo “nasceu com o homem na mais obscura das eras”, em um período que remete às mais remotas origens de nossa espécie, sendo que esse sentimento segue nos acompanhando por todo restante de nossas existências. Foi a partir do medo que a humanidade logrou em sobreviver aos perigos do passado, superando,

<sup>1</sup>Graduando no curso de Licenciatura em História pela Universidade Anhanguera.

<sup>2</sup> República Popular Democrática da Coreia, nome oficial da “Coreia do Norte”.

inicialmente através do instinto, todas as adversidades que surgiam durante sua corrida evolutiva e consagrando-se como a mais adaptável às mudanças (DARWIN, 1859). Em sua extensa obra que discorre sobre as origens do medo no Ocidente, Delumeau (2009) destaca que, censurados de tal sensação, a história de nosso mundo constituir-se-ia de maneira impensável, visto que todos os eventos interligados às particularidades econômicas, sociais e culturais da historicidade humana ocorreram justamente a partir do temor diante do desconhecido.

Nesse contexto, o medo surge como uma arma ainda mais poderosa do que centenas de bombas atômicas.

Quando consumismo informações – seja através de noticiários televisivos, jornais impressos e digitais ou postagens em redes sociais – acerca da República Popular Democrática da Coreia, geralmente a recebemos embasada em filtragens nocivas, que distorcem grande parte de seus significados em prol da supremacia do sistema ao qual encontramos-nos impostos. Isso é perceptível ao analisarmos claras *fake news*, que infelizmente acabam, tanto por conta da falta de acessibilidade do público comum a canais livres de tais filtragens como também pelos constantes esforços de forças superiores para seguir com a manutenção da atual imagem pública imposta ao regime norte-coreano, sendo largamente difundidas em inúmeros espaços sociais. Como exemplo a isso, destaco a famosa notícia falsa que surgiu no ano de 2014, quando a rádio *Free Asia*, de origem norte-americana, espalhou que as forças políticas locais impunham um corte de cabelo único aos cidadãos, à moda do líder Kim Jong-Um (UOL, 2014). A “notícia”, foi desmentida logo depois por turistas e jornalistas correspondentes, que visitavam o país e atestavam que estava tudo normal com os cabelos das pessoas (BARREIROS, 2020).

807

Por mais cômico que a situação descrita pareça, não deixa de atestar uma verdade incontestável: constantemente surgem esforços para ilustrar a RPDC como um lugar livre de qualquer possibilidade de expressionismo aos conceitos de liberdade, com barbaridades sendo impostas pelas autoridades governamentais à torto e a direita. Algumas dessas “notícias” não são assim tão “humoradas”, como em uma de 2023, que descaradamente diz que, na Coreia do Norte, ocorre a esterilização de anãs e matam-se grávidas e crianças (R7, 2023). Contudo, diferentemente das mentiras, que circulam em célebres veículos de comunicação, as desmentiras costumam ser empurradas para de baixo do tapete, relegadas à nichos distantes da população anteriormente atingida pela falácia, de forma que seguem crendo no que viram primeiro e espalhando para outros indivíduos algo comprovadamente

irreal, alinhado aos objetivos dos responsáveis por esse processo de enganação populacional em escala internacional.

Mas por quais motivos isso acontece?

A história da Coreia<sup>3</sup> é uma narrativa repleta de tragédias e conflitos, tanto em escalas internas quanto externas. Segundo Visentini *et al* (2015), as configurações geográficas do país resultam em uma constituição física encravada entre potências muito maiores, considerando escalas de poder e tamanho de suas vizinhas. Próximas à região, encontram-se a República Popular da China, a Federação da Rússia, o Japão e, se formos considerar os maiores detalhes, os norte-americanos, que seguem ativos nas fronteiras internas da Coreia do Sul, vigilantes às ações tomadas pelo norte e realizando constantes exercícios militares que atestam para o fato de que ainda interessam-se por mais uma vez levar sua tão conhecida “democracia” à região, legitimada por organizações nacionais alinhadas às intenções gerais dos Estados Unidos da América<sup>4</sup> no tocante ao controle da península.

Na antiguidade, havia inúmeros centros populacionais que disputavam pela hegemonia da região, em combates que culminavam na anexação ou perda de territórios entre os reinos que por ali guerreavam e desenvolviam suas sociedades. Ainda referenciando Visentini *et al*, tornamo-nos capazes de apontar para o fato de que:

A origem da nação coreana remonta ao antigo reino de Choson (nome utilizado pela Coreia do Norte até hoje), com capital próxima a Pyongyang. Tendo prosperado consideravelmente, esse reino chegou inclusive a se expandir em direção ao nordeste do atual território chinês, onde foi barrado pelo reino Yen, e depois conquistado pela dinastia chinesa Han, do Império Qin, por volta de 108 a.C. Os primeiros contatos entre a China e a península deram dessa época.

Analisar esses exórdios contatos entre os coreanos e o povo chinês caracteriza-se como crucial para alcançar uma maior compreensão acerca da consolidação contemporânea do país, visto que, a partir dessa conexão e troca cultural entre tais entidades políticas, eventualmente desenvolveram-se na Coreia – principalmente nortenha, após a separação – aplicáveis elementos sociais inspirados em movimentos chineses, como o neoconfucionismo e modelos econômicos que mais tarde seriam assimilados ao contexto revolucionário, gerando novas ideologias político-sociais de caráter nacionalista que serviriam como resposta às inúmeras adversidades enfrentadas diante das constantes dominações territoriais e sanções comerciais ainda contemporaneamente impostas por seus adversários políticos (Lee, 1984).

<sup>3</sup> Em referência aos eventos históricos ocorridos naquilo que engloba o país inteiro, não considerando as demarcações territoriais estabelecidas pelos invasores estrangeiros àquelas terras, entre norte e sul.

<sup>4</sup> EUA.

A Coreia era compreendida pela China como um Estado Tributário, sendo mantida sua independência, sem necessariamente haver dominação e violência, como em outros casos semelhantes, como atesta Visentini *et al* (2015, p. 31):

A China, apesar de reconhecidamente superior, continuava sem interferir na política interna ou externa da Coreia, exercendo uma influência limitada sobre o país, o qual, por sua vez, simultaneamente, mantinha sua autonomia nacional e venerava a superioridade civilizacional do vizinho.

Ocorreram diversas invasões na Coreia, pois, principalmente àqueles períodos mais longínquos, o continente asiático poderia ser visto, em analogia, como um grande tabuleiro de xadrez, em um jogo orquestrado por conflituosos povos que batalhavam por conquistas territoriais e recursos naturais diversos encontrados no ambiente oriental. Dentre tais, à história, além da China, que se consolidava como aliada aos interesses coreanos, podemos destacar os envolvimento mongóis, que no século XIII resultaram no isolamento da região, após a expulsão dos invasores, e japoneses, que em 1876 foram responsáveis por impor sua reabertura.

Através dos Tratados Desiguais, os soldados pertencentes ao Império japonês forçaram a abertura de alguns dos portos coreanos, de forma que passaram a controlar todo comércio que passava por aquelas águas, essenciais para o lucro oriental, e exigiram pagamento de impostos, geralmente no formato de bens de consumo, à população originária daquelas terras. Os japoneses se instalaram na ilha Kanghwa, de onde seguiam delimitando suas exigências para com o povo conquistado. Cumings (1997, p. 105), estabelece que, em referência ao controle nipônico, a Coreia enfrentou sofrimento, visto que “o sistema tributário sino-coreano<sup>5</sup> era de hierarquia inconsequente e de independência real, senão de equidade. Não obstante, o sistema ocidental<sup>6</sup> com o qual a Coreia se deparou era de igualdade fictícia e de subordinação real”<sup>7</sup>. Nos anos 1880, a situação só parecia ir de mal a pior, conforme clama Visentini *et al* (2015, p. 32), por meio da seguinte colocação:

[...] correu a ascensão do movimento Tonghak (Estudos Orientais), com perigosas revoltas populares que protestavam contra a fome generalizada, decorrente da exportação de grandes quantidades de arroz para o Japão – como obrigava os Tratados. Sem sucesso em sufocar a rebelião e com os rebeldes tendo avançado até a capital, o rei Kjong<sup>8</sup> pediu ajuda à China, que socorreu a península, seguida de perto pelos japoneses. Assim, em 1894, a rebelião foi sufocada, mas a Coreia

<sup>5</sup> Relações entre China e Coreia.

<sup>6</sup> O Japão havia acabado de passar pela Restauração Meiji.

<sup>7</sup> As mulheres coreanas eram obrigadas à prostituição, tornando-se “mulheres de conforto” (*Confort Women*) para os oficiais japoneses. Além disso, o idioma coreano era substituído pelo japonês e até mesmo os nomes de coreanos foram trocados para nomes japoneses. Aos poucos, quebrava-se a individualidade nacional, roubando toda essência daquele povo.

<sup>8</sup> Primeiro imperador da Coreia.

encontrava-se ocupada por forças chinesas e japonesas. O rei pediu que as tropas se retirassem, mas um Japão fortalecido tomou o palácio real, provocando a Primeira Guerra Sino-Japonesa<sup>9</sup>. Com a derrota da China, os japoneses lograram impor-se definitivamente sobre os camponeses, forçando a abertura de todos os portos da costa sudoeste coreana e promovendo o aumento das exportações de arroz. A antiga relação sino-coreana foi interrompida por meio século, período em que a península teve de submeter-se ao imperialismo japonês.

Em 1910, é assinado o Tratado de Anexação à Coreia, que permitiu aos japoneses exercerem seus domínios de maneira “legítima”, angariados por uma lei que supria exclusivamente seus próprios interesses. Houve tentativas de resistências à dominação, mas eram reprimidas pela polícia japonesa, que mantinha a população sobre constante vigilância. São muitos os autores que buscam construir uma nociva narrativa de que esse período de dominação nipônica foi, na realidade, positivo para a Coreia, visto que comprovadamente houve aumentos nas taxas de produção e economia geral do país, principalmente no tocante à industrialização. Contudo, deve-se sempre ter em mente que esse processo seguia aos interesses dos dominadores, localizados na metrópole, sendo que eram estes a lucrar e aproveitar os recursos produzidos. Como prova cabal à tal colocação, observa-se que, novamente de encontro às colaborações de Visentini *et al* (2015, p. 34):

[...] graças à modernização promovida pelos japoneses, a produção de arroz nortecoreano aumentou em quase 40% entre 1912 e 1936; porém, no mesmo período, a quantidade de arroz consumida por coreanos diminuiu consideravelmente, de cerca de 70% para cerca de 40%. O resto da colheita era exportado compulsoriamente para o Japão, o que gerava aguda escassez alimentar na Coreia.

810

Sofrendo duras críticas do resto do mundo e tendo que lidar com outras questões que exigiam mais urgência, a partir de 1919, o Japão viu-se obrigado a flexibilizar seu controle sobre a Coreia, realizando uma série de revoluções locais que, em tese, permitia uma maior autonomia, mesmo que seja difícil atestar se estas vieram a ser realmente cumpridas, visto que muitas manifestações nacionalistas organizadas por trabalhadores do campo – incontestavelmente os mais atingidos por toda crise social – ainda eram oprimidas de forma extensamente violenta (LEE, 1984). Acerca de tais flexíveis medidas, Cumings (1997, p. 170) discorre sobre apontamentos referentes ao mais importante dos resultados:

A nova política inaugurou um período de resistência “gradual” ao colonialismo, no qual os coreanos aproveitaram o relaxamento das restrições a sua liberdade de opinião e de reunião para organizar uma variedade de grupos nacionalistas, socialistas e comunistas<sup>10</sup>, alguns abertamente e outros de modo clandestino.

---

<sup>9</sup> Conflito entre o Império da China e o Império do Japão.

<sup>10</sup> Que eram também nacionalistas, diante da vontade de expulsar os japoneses e retomar as rédeas daquela terra.

Esse nacionalismo coreano, incendiado por chamadas revolucionárias, logo passou a entender-se para além de seus domínios cartográficos, uma vez que, diante da invasão japonesa à Manchúria, guerrilheiros coreanos juntaram-se à resistência chinesa, reatando a antiga amizade entre os povos em frente ao odiado imperialismo japonês (ARMSTRONG, 2003). Essa experiência serviu para desenvolver ainda mais a conscientização rebelde da Coreia, uma vez que, batalhando lado a lado à Mao Tse-Tung e seus exercícios, as influências comunistas em solo coreano passaram a intensificarem-se diretamente à mais elevada potência.

Nesse período de intensas batalhas no plano asiático, surge a mais importante figura de resistência nacionalista coreana ao imperialismo estrangeiro: Kim Il-Sung.

Os primeiros registros históricos de Kim pertinentes a sua eventual revolução no contexto nacionalista coreano remontam à documentos produzidos através dos trabalhos da presença policial japonesa na Coreia, assim como também de seus camaradas do Partido Comunista da China<sup>11</sup>, com os quais mantinha intensa relação de irmandade, conforme atesta Armstrong (2003, p. 27), ao afirmar:

A evidência disponível atualmente mostra claramente que Kim desempenhou um papel importante na resistência armada antijaponesa na Manchúria, tornando-se, até o fim dos anos 1930, uma das principais figuras dentre os guerrilheiros coreanos e chineses [...]. Parcialmente por causa da proeminência de Kim no movimento de guerrilha, foi seu grupo que, em última instância, ascendeu ao poder na Coreia do Norte.

811

Em uma Coreia ainda sobre domínio japonês, que sofria com extensa desigualdade social e falta de suprimento às necessidades básicas da população, com ênfase na agrária, ebulia-se a necessidade de desprender-se do controle estrangeiro e desenvolver a autossuficiência necessária para jamais ter de voltar a passar por situações tão humilhantes como aquela, onde a população encontrava-se à mercê dos caprichos de seus invasores, inimigos juramentados pela história. Quando Kim Il-Sung, conhecido herói guerrilheiro, motivado por suas experiências na atuação em conflitos envolvendo seus vizinhos chineses e soviéticos<sup>12</sup>, surgiu com propostas socialistas, visando a consolidação de um modelo político onde nada deveria sobrepor-se ao povo, mas prometendo também garantir a independência de sua nação a qualquer outra<sup>13</sup>, conquistou a lealdade de extensa parcela da população coreana, que lhe apoiaria para além de sua existência carnal.

---

<sup>11</sup> PCCh ou PCC.

<sup>12</sup> “Integrou as unidades coreanas do Exército Vermelho, tendo retornado à Coreia com a patente de capitão soviético” (VISENTINI *et al*, 2015, p. 48).

<sup>13</sup> Mesmo entre as demais potências vermelhas: China e União Soviética.

Após os catastróficos eventos da Segunda Guerra Mundial, era o Japão quem sofria com imposições de outras nacionalidades a sua jurisdição governamental, tanto por conta da ameaça que os japoneses passaram a representar em maior escala geopolítica ao aliarem-se às potências do Eixo como também pelo revanchismo norte-americano diante dos ataques à *Pear Harbor*<sup>14</sup>, em 1941, que levou às bombas atômicas que dizimaram as cidades de *Hiroshima* e *Nagasaki*, bem como toda vida próxima ao local. O processo de ascensão da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas<sup>15</sup> e da China no pós-guerra e a emergência imediata da Guerra-Fria<sup>16</sup> obrigaram os EUA a buscarem maneiras de remediarem a influência oriental sob o globo, de forma que se destituiu o Império japonês e foi-se trabalhado na gestão de suas colônias, visando garantir independência para algumas e manter o controle de outras, dependendo do grau de suas insurgências (Visentini *et al*, 2015).

Dentre as colônias japonesas que passaram por tais transformações, encontra-se a Coreia. Desejando desestabilizar as conjunturas populares revolucionárias e restringir economicamente a eventual independência daquelas terras, optou-se por uma divisão entre as fronteiras do território. Assim, ao longo do Paralelo 38°, surgiam a Coreia do Norte – de clima temperado e geografia rochosa, com direito a montanhas, planaltos, vales estreitos e florestas inóspitas, que dificultam a plantação em terras aráveis – e a Coreia do Sul – com ambiente mais propício à produção alimentícia, sendo que, durante o regime japonês, antes da divisão oficial, havia-se justamente designado a parte mais ao norte como fornecedora industrial e aquela ao sul como alimentícia. Além disso, na porção sulista, havia constante presença militar norte-americana, pois o país visava exercer controle direto daquela importante península, que mesmo pequena, já havia demonstrado interesse em resistir ao colonialismo ocidental, nas diferentes frentes históricas anteriormente descritas. Sobre tal colocação, Visentini *et al* (2015, p. 48) discorre:

A resistência anti-japonesa havia estabelecido comitês populares imediatamente após a rendição do Japão<sup>17</sup>, mas ao sul da linha demarcatória os EUA mantiveram as unidades pró-japonesas em funções de polícia, dissolvendo os comitês, que seguiram existindo apenas na porção setentrional. Os norte-americanos apoiavam um grupo de políticos conservadores colaboracionistas, agrupas sob o Partido

<sup>14</sup> Muitos historiadores acreditam que esse foi o principal motivo para a entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial, visto que, anteriormente ao ataque surpresa, o país mantinha uma política de neutralidade diante do conflito.

<sup>15</sup> Ou União Soviética. URSS.

<sup>16</sup> Conflito político-ideológico entre o capitalismo norte-americano e o socialismo soviético pela hegemonia nacional, em que se buscava formas terceirizadas de ministrar enfrentamento, visto que, se houvessem batalhas diretas, poderia haver o desencadeamento de ataques nucleares, que de certo dizimariam não apenas a nação inimiga, mas o planeta Terra como um todo.

<sup>17</sup> À Segunda Guerra Mundial.

Democrático Coreano, e os nacionalistas exilados, liderados por Syngman Rhee, que retornou dos EUA, tendo vivido exilado 37 dos seus 60 anos.

Visando consolidar o controle sob a fração sul-coreana e seguir em estado de constante alerta à parcela nortenha, os EUA legitimaram a presidência de Syngman Rhee, visto que o mesmo havia vivido por décadas em solo americano e compartilhava do anticomunismo tão procurado pelas potências ocidentais. A intenção era barrar o sistema, amplamente difundido e operante, na União Soviética e China<sup>18</sup>, fronteiriças à Coreia<sup>19</sup>.

Nesse contexto, através de manobras políticas que visavam fazer frente ao conservadorismo norte-coreano e angariado pela maior parte da população, Kim II-Sung logrou na escalada ao poder da RPDC, sendo responsável, junto com os demais camaradas que comprometiam-se com os valores pelo Líder Supremo defendidas, pelo estabelecimento de profundas reformas econômicas e sociais no país, buscando impedir que a medida tomada pelo ocidente causasse danos irremediáveis ao seu povo, já que, após a separação, o norte encontrava-se envolvido em sérias problemáticas, como àquelas envolvendo a escalada da fome, agravadas pela súbita alteração na contextualização social envolvendo todo o país, agora reduzido à menos que a metade. Em referência a esses tais planos governamentais desenvolvidos durante essa incerta etapa de transição, Visentini *et al* (2015, p. 62) nos diz que:

Os primeiros planos anunciados foram os Planos Anuais de 1947 e de 1948 e iniciaram a caminhada em direção à nacionalização da economia e à limitação da atividade de mercado. Além disso, ambos geraram considerável aumento da produção de bens básicos, tais como grãos, têxteis e eletricidade. [...] os planos de 1947 e 1948 destinavam cerca de um quinto do orçamento para o desenvolvimento industrial e outro quinto para a defesa. [...] O suprimento de bens para a população era feito através de 1,2 mil cooperativas, que compravam a produção integral das fábricas estatais e 90% da produção das empresas privadas; o percentual restante era vendido no mercado livre.

Houve outras medidas constitucionais que visavam objetivos semelhantes ao destacado, sendo que, ainda segundo o autor, no parágrafo seguinte de seu material original, tais propostas caracterizaram-se como pertinentes à sociedade norte-coreano, visto que:

[lograram] em melhorar o nível de vida da população e alavancar o crescimento até a eclosão da guerra<sup>20</sup>: de 1947 a 1949, o percentual de crianças que frequentavam a escola primária passou dos 42% para 72%; a produção de ferro gusa aumentou de 6 mil para 166 mil toneladas; e a de barras de aço subiu de 46 mil para a 97 mil toneladas. Mais significativo ainda, em 1949, o volume de bens de consumo multiplicou-se por 2,9 e a colheita de cereais ultrapassou os 2,5 milhões de toneladas.

<sup>18</sup> Além de mais outras nações asiáticas, como Laos e Vietnã.

<sup>19</sup> Geograficamente, sempre foi a parte norte do país quem mais esteve próximo à ambas, o que explica o maior compartilhamento do socialismo naquele espaço, fator que resultaria em uma maior radicalização em contraste à parcela do sul, mais próxima, via oceano, do ocidente.

<sup>20</sup> Que veremos mais adiante.

Além disso, desenvolviam-se as primeiras cooperativas agrícolas e artesanais, de forma que o Estado e as cooperativas controlavam 56,5% do comércio.

Vale ressaltar que, nas mediações da Coreia do Sul, havia larga resistência ao regime de Syngman Rhee, que muitos sul-coreanos consideravam como mero peão dos norte-americanos, sendo que houve a organização de movimentos desejosos à restauração da Coreia original, com sua geografia plena e autonomia para definir o próprio futuro nacional, sem interferência exterior. Por conta da separação forçada aos coreanos imposta, famílias e amigos, personalidades à época, viram-se distantes uma das outras. Essas pessoas queriam retomar as terras que lhes eram sua por direito, e muitas buscaram alcançar tal resultado por meio de movimentos guerrilheiros e rebeliões violentas, ao máximo possível reprimidas pelas forças dos governantes sul-coreanos favoráveis aos EUA e pela própria força militar de origem norte-americana.

Foi nesse inflamado contexto social que eclodiu a Guerra da Coreia.

Delimitar uma razão específica para a deflagração do conflito caracteriza-se como, no mínimo, árdua tarefa. Isso porque, como resultado de toda análise histórica anteriormente explanada, alcançamos a conclusão de que havia inúmeras razões para ter-se início ao confronto, visto que eram diversas as crises sociais envolvendo a relação entre os povos coreanos diante da separação imposta por terceiros, e que, inclusive, ambos os lados se encontravam em extrema tensão fronteiriça, considerando a presença norte-americana no sul da Coreia. Contudo, resgatando o estopim para a batalha, Visentini *et al* (2005, p. 65) nos propões que:

Apesar de já existirem provocações mútuas entre o sul e o Norte desde 1948, os primeiros combates fronteiriços significativos ocorreram em 4 de maio de 1949, quando o Sul iniciou uma forte escaramuça em Kaesong. Combates ainda maiores foram travados em junho de 1949, na península de Ongjin, dessa vez por iniciativa norte-coreano. O Sul reagiu enviando guerrilheiros ao Paralelo 38°, mas esses foram exterminados pelas tropas do norte. Nesse contexto, a Comissão da ONU sobre a Coreia (Conuc) enviou uma delegação à zona de litígio para investigar a situação. Contudo, o relatório da Conuc, bastante influenciado pelos EUA, responsabilizava unicamente o Norte pelos conflitos, omitindo as provocações geradas pelo sul.

Entre 1950-1953, tropas do norte e do sul batalharam, sendo que as tropas correspondentes aos EUA ingressaram nos exércitos sulistas, o que representava importante aspecto bélico em consideração a toda tecnologia militar disponibilizada pela potência americana. Ainda assim, tendo suas origens na guerra e tendo passado por recentes enfrentamentos nos países orientais próximos, além de disponibilizarem da aprovação da própria população, que via naquele conflito a chave para reestruturar a antiga sociedade coreana antecessora à separação, os soldados norte-coreanos apresentavam maior

experiência no que tangia o universo da guerra em amplos aspectos, de forma que lograram em avançar sob os oponentes. Acerca disso, em referência à Cumings (1997, p. 302):

Os norte-coreanos lutavam em todas as frentes: lutavam de maneira convencional, lutavam uma guerra de guerrilhas, lutava, uma guerra política através dos Comitês Populares e lutavam pela reforma agrária. Dito em outros termos, essa foi também uma guerra popular.

Os norte-americanos reagruparam-se em seguida às derrocadas, e então passaram a organizar ataques mais assertivos, que obtiveram sucesso em forçar um maior recuo norte-coreano. Supostamente, a participação dos EUA no conflito estaria legitimada em respeito aos limites fronteiriços, sendo que estavam proibidos de ultrapassar o Paralelo 38°. Porém, não tardou para que eles revogassem essa determinação, de forma que as tropas americanas e sul-coreanas rumaram para a completa destruição da parcela norte, sendo responsáveis pelas mortes de milhares de pessoas, para muito além das envolvidas no combate, tendo ocorrido atrocidades civis, estas que jamais seriam esquecidas pela RPDC (Visentini *et al*, 2015).

Por conta de seu passado lutando ao lado tanto dos soviéticos quanto dos chineses, Kim Il-Sung foi capaz de angariar o apoio de ambos os lados, de forma que houve novamente uma colisão sino-coreana que, largamente abastecida com armamento e tecnologia vindouras de Stalin<sup>21</sup>, empurrou os norte-americanos para novamente detrás da linha divisória, recuperando as terras nortenhas e libertando o povo. Nesse período, acabou-se por promover um grande impasse, pois nenhuma das forças militares antagônicas era capaz de avançar quantidade suficientemente relevante em relação às defesas do oponente, de forma que se consideravam uma série de soluções para o definitivo alcance da vitória.

Durante tal ocorrência, o presidente Truman<sup>22</sup> considerava o lançamento de bombas nucleares, visando a aniquilação do modelo socialista de uma vez por todas. Contudo, foi convencido de que seria uma ação desastrosa em níveis políticos<sup>23</sup>, de forma que optou por iniciativas de menores potências destrutivas, mas igualmente terríveis: bombardeiros de *napalm*, que devastava as regiões agrárias e dizimava qualquer infraestrutura em enormes labaredas de chamas infernais, e o bombardeiro de barragens, que resultava em inundações que consumiam aldeias e plantações, espalhando a fome e a miséria (Cumings, 2004). É interessante notar que, mais tarde, tais crises seriam utilizadas – e ainda são, através da

---

<sup>21</sup> Governante da URSS, à época.

<sup>22</sup> 33º presidente dos Estados Unidos da América.

<sup>23</sup> Pois mesmo a Organização das Nações Unidas (ONU) sendo à época – e ainda hoje – extremamente favorável às decisões da potência, essa seria uma difícil de ser defendida em escala internacional.

oposição ao modelo em diferentes países –, pelos próprios capitalistas, como motivo para desprezar o socialismo, sendo que a razão para tal mazela fora provocada justamente pela iniciativa dos estrangeiros, tanto nesses ataques físicos quanto por embargos econômicos cujas validades encontram-se operantes até a contemporaneidade.

Eventualmente, foi-se definido um término à guerra, visto que não parecia existir uma conclusão absoluta, tanto para o lado norte-coreano, que buscava a unificação com a parte sul, como também aos EUA, que lutavam pelo controle total da península. Em resumo à tal deliberação de aparência pacífica, Cumings (1997, p. 329) define:

A verdadeira tragédia não foi a guerra em si mesma (...), a tragédia foi que a guerra não solucionou nada: simplesmente foi restaurado o *status quo* anterior, e a paz foi lograda apenas por um armistício. Hoje, os problemas e as tensões ainda permanecem.

Os envolvidos no conflito assinaram um armistício, mas a tensão não se esvaiu apenas por conta de um simplório documento. Segue-se a constante presença de tropas norte-americanas na Coreia do Sul, encobertas pela virtuosa ilusão de que estão ali para manter a paz entre os dois lados, mas, ao considerarmos os antecedentes históricos os envolvendo, notamos que se trata de um aguarde para o instante certo, o momento mais oportuno para tomar o resto da nação e findar com aquela insurgência socialista. Tal reflexão encontram-se amparada não somente pelo recorte da guerra, mas também pelas anteriormente descritas difusões de *fake news* para desvalidar o regime atualmente encabeçado por Kim Jong-Un, neto de Kim II-Sung.

Esses históricos de tragédias por conta de invasões encabeçadas pela ganância de estrangeiros define a RPDC de hoje. É justamente por conta das grotescas cicatrizes do passado e constante ameaça do inimigo na fronteira que se validou a busca pela defesa absoluta, representando pela militarização da população e acesso às armas nucleares, os únicos elementos que garantem a nacionalização das terras norte-coreanas e a autonomia de seu modelo socioeconômico, vítima de agressões por todos os lados. À tal colocação, considerando os apontamentos de Cumings (2004, p.1-2), têm-se uma noção do poderio militar da península, sendo que, atualmente, os números descritos tendem a serem ainda maiores:

A Constituição da RPDC apela para “armar toda a população e transformar o país inteiro em uma fortaleza”. Dentre 23 milhões de cidadãos, 1 milhão deles estão no Exército, 6 milhões na reserva, e quase todos os homens e mulheres adultos tiveram experiência militar significativa. A CIA estimou, em 1978, que 12% dos homens entre 17 e 49 anos estariam servindo regularmente, “nível superado apenas por Israel”, mas a percentagem da população nas Forças Armadas aumentou firmemente dos anos 1980 para os anos 1990, indo de cerca de 30 por mil pessoas para 48 por mil em 1991.

Por maiores que sejam os esforços de seus antagonistas para influenciar o pensamento global, a RDPC possui os fatos históricos a seu favor. O fato de tais elementos serem constantemente ignorados somente atesta a colocação de que os interesses gerais se encontram voltados à queda da soberania popular destacada por entre as fronteiras da nação, estas que Lee (1996) ironiza ao dizer que não podem ser ultrapassadas pelos norte-coreanos, mas tudo bem serem desrespeitadas por seus oponentes, que em mais de um momento desgraçaram seu povo com caótico fogo da guerra.

Em verdade, uma fração da Coreia foi roubada por estrangeiros, e estes dificilmente permitiram a união desse único povo, visto que tal ideia encontra-se contrária aos seus interesses econômicos. A razão para o norte ser tão militarizado é justamente a defesa diante do colonialismo, pois a população norte-coreana ainda sente, até os dias de hoje, os destrutivos reflexos das invasões sofridas. De maneira curiosa, é possível dizer que a única coisa que garante a relativa paz da RPDC é justamente seu poderio nuclear.

Nota-se que esse capítulo não busca constituir a historicidade completa da RPDC, servindo apenas como introdução geral e elucidação para as razões de tanto mentir-se sobre o país, de forma a gerar medo na população comum, fazendo-os ser antagônicos ao regime. Foram desconsiderados muitos outros eventos históricos pertinentes ao tema, visando preservar a dinamicidade do texto, de forma que se recomenda o consumo de mais material históricos referente ao assunto, que pode ser encontrado nas referências bibliográficas.

817

### **A Capitalização Imobiliária Diante do Socialismo *Zuche***

Após a Guerra da Coreia, o país buscava formas de reconstruir tudo aquilo que por mãos estrangeiras havia sido destruído. Em um contexto de sociedade abalada não somente pelo caos físico deixado pela guerra, mas também por embargos econômicos que desafiavam o desenvolvimento de sua economia, a população viu na imagem de Kim II-Sung e na articulada idealização aplicável do socialismo *Zuche* um lampejo de esperança.

Enquanto a Coreia do Sul buscava compor sua economia junto aos interesses norte-americanos, que lhe auxiliavam em sua ascensão comercial visando manter o controle capitalista sob o campo asiático, os norte-coreanos buscavam sustentar sua própria autonomia, pois considerava-se como crucial para a assertiva reconstrução da nação elevar as características nacionalistas, rompendo com o ocidente, responsável pelas tragédias anteriores, e garantir que jamais voltassem a se repetir os horrores colonialistas do passado.

Quanto a relevância da autogestão comercial para a RPDC em frente ao capitalismo ocidental, Cumings (2004, p. 477) aponta:

A Coreia do Norte oferece o melhor exemplo de retiro consciente do sistema mundial capitalista do mundo pós-colonial em desenvolvimento, bem como uma tentativa séria de construção de uma economia independente, autônoma; como resultado, observamos, hoje, a economia industrial mais autárquica do mundo. [Mas] a Coreia do Norte nunca permaneceu ociosa, sempre avançou. Essa foi uma retirada com desenvolvimento e uma retirada para o desenvolvimento.

Na RPDC, a economia baseia-se na direção estatal em prol da sociedade, em um modelo claramente inspirada no socialismo soviético e chinês, mas com suas específicas particularidades, que garantem o protagonismo dessa nação em comparação ao meio em que se encontra inserida. Sobre tal colocação, Schweken-diek (2001, p.31) diz:

O que fez o comunismo norte-coreano distinto do de Moscou e do de Pequim era que Pyongyang incorporou profundamente sentimentos nacionais e elementos macro-históricos na ideologia socialista, assim optando por seu “próprio estilo de socialismo”. Os maiores elementos coreanizantes são a ênfase no confucionismo tradicional e a memória da experiência traumática da invasão japonesa, bem como o foco em características autobiográficas de Kim Il-Sung como herói guerrilheiro.

Sobre a mesclagem das características do confucionismo<sup>24</sup> ao sistema econômico e culturalidade norte-coreana, validam-se as contribuições de Armstrong (2003, p. 6):

Elementos como a ênfase ideológica no humanismo – em detrimento do materialismo – e no voluntarismo – em detrimento do determinismo histórico –, o domínio hereditário, a recriação de hierarquias sociais rígidas e outras divergências do comunismo soviético foram vistos por muitos observadores como fortes remanescentes da política e cultura coreana tradicional, especialmente das tradições confucianas da Dinastia Choson (1392-1910). Conscientemente ou não, o sistema norte-coreano funcionou através de símbolos e estruturas de poder que combinaram formas modernas e tradições de maneiras distintas. A referência à família, ao líder e à distinção social, por exemplo, não foi abolida na Coreia do Norte, mas transferida e reformulada.

818

Portanto, a política *Zuche* ascende-se justamente entre a assimilação desses fatores, resultando em todo um planejamento voltado consolidação da independência da RPDC em contraste ao controle que a região costumava sofrer de terceiros (French, 2005)

Considerando essas informações, analisando esse modelo, nota-se que, enquanto a URSS e a China, durante a Guerra Fria, buscavam prestar auxílio e politicamente aproximarem-se da península por conta de seus interesses em conquistar a confiança dos norte-coreanos para a formação de uma grande coligação socialista, a RPDC mantinha o máximo possível de neutralidade, causando, através de estratégias que forçavam ambas as potências a continuarem lhe prestando apoio, uma intensa rivalidade sino-soviética pelo alinhamento da Coreia do Norte. Tal obstinação desses gigantes pelo amizade norte-coreana

<sup>24</sup> Corrente filosófica e ética que fundamentou a China.

valida-se por fatos geopolíticos de suma importância para suas perpetuações, sendo que, no caso da China, em acordo às observações prestadas por Ha (1983, p. 228-229):

Para a China, a predominância soviética na Coreia do Norte apresentaria uma série de problemas graves em potencial. O controle russo da RPDC iria, por exemplo, aumentar enormemente a vulnerabilidade do núcleo industrial vital da RPC na Manchúria, e daria aos soviéticos mais um *link* em seu sistema de segurança coletivo asiático, elaborado para isolar e intimidar a RPC.

No caso das requisições buscadas pelo envolvimento da União Soviética, a situação apresenta-se de forma que, alinhado à citação de Choi (1983), Visentini *et al* (2015, p. 95) delimita:

Para os soviéticos, no contexto de rivalidade com a RPC, [...] a RPDC é adjacente às províncias marítimas da Sibéria e está localizada no Mar do Japão. Localizada nas proximidades da fronteira coreana, Vladivostok era há muito tempo o ancoradouro da Frota Soviética do Pacífico e, por isso, a península demandava atenção da marinha. Influência crescente sobre a região daria à frota mais segurança e lhe permitiria manobrar mais livremente. A localização na península no Mar Amarelo, no lado oposto ao da China, significava que as forças navais, operando na Coreia, poderiam colocar a China taticamente em cheque; a Manchúria poderia ser ameaçada a partir dali. E, ainda, a posição asiática dos soviéticos em relação à China seria imensuravelmente melhorada, em termos políticos e militares, se tivesse acesso aos portos coreanos e presença nos seus estreitos.

Tal conflito de interesses veio a representar grande vantagem à própria RPDC, pois esses países acabaram por fundamentar, através de seus gastos para trazer a nação para um de seus lados, a base da tão almejada autossuficiência norte-coreana, sendo que, referenciando Cumings (1997), Visentini *et al* (2015, p. 97) complementa:

Assim, enquanto a URSS desempenharia o papel principal na construção do complexo industrial básico, a China proveria os norte-coreanos com víveres suficientes e também desempenharia um papel em áreas como transportes dentro de suas limitações. Se a ajuda econômica da URSS era mais substancial, a postura diplomática de Moscou diante do Ocidente, desde a afirmação da Coexistência Pacífica<sup>25</sup>, era percebida como uma ameaça potencial. Sob certo ponto de vista, era preciso contar mais com a China no campo estratégico durante esse período, e flanquear as divergências entre os dois aliados. Como resultado, durante o Plano Trienal 1954-1956, a ajuda externa – praticamente toda advinda da URSS e da China – correspondia a cerca de 60% do orçamento norte-coreano. Como resultado da completa implantação do modelo socialista e desse auxílio externo, a produção aumentou drasticamente, alcançando já em 1956 o nível prévio à guerra, para os principais produtos, tais como carvão, cimento, têxteis e outros bens de consumo. Dessa forma, o crescimento industrial chegou a 41,7%.

Ainda em respeito aos aumentos percentuais de produção na RPDC durante esse período, no âmbito da industrialização do país, Visentini *et al* (2015, p. 81) discorre:

Além disso, a produção industrial norte-coreana, que em 1946 constituía apenas 28% da produção total do país, passou a representar 75% em 1970. A taxa de crescimento da indústria, que foi de 36,6% por ano, em média, no período 1956-1960, registrou ainda uma média considerável de 12,8% ao ano entre 1961-1970. Essas

<sup>25</sup> Propunha disputas entre comunismo e capitalismo teoricamente fora do campo militar.

mudanças refletiram-se também na distribuição da população economicamente ativa. Em 1946, havia 74,1% de camponeses e apenas 18,7% de operários e empregados urbanos. Em 1960, essa taxa passou para 44,4% de camponeses e 52% de operários.

E no que tange a agricultura, ele aponta:

Nos anos de 1958-1960, o governo norte-coreano promoveu uma revolução técnica no campo, que se deu em quatro partes: (a) irrigação; (b) eletricidade; (c) mecanização; e (d) quimização. A quantidade média de adubos químicos utilizados passou de 131 kg por hectare, em 1949, para 160 kg, em 1960, e 510 kg, em 1970. Nas décadas posteriores, a produtividade agrícola foi bastante ampliada a partir da realização de esforços de mecanização do campo, com a introdução de tratores, colheitadeiras e máquinas automáticas para o transporte de arroz, bem como a aplicação extensiva de fertilizantes artificiais produzidos nas grandes indústrias químicas do país. Essas condições fizeram que a Coreia do Norte tivesse mais desenvolvimento rural do que sua vizinha nas décadas de 1970 e 1980.

Dessa forma, através do até então exposto, compreende-se o sucesso da RPDC na implementação do modelo socialista *Zuche* em seu contexto nacionalista do pós-guerra e na administração política do país em utilizar dos recursos prestados por superpotências interessadas em garantirem suas respectivas supremacias geográficas na reestruturação de sua economia, demonstrando toda habilidade de Kim II-Sung e demais profissionais do Estado em garantirem a autonomia da nação mesmo diante dos vizinhos socialistas, denotando que, ainda promovendo uma ideologia semelhante, a RPDC constituir-se-ia como única no meio vermelho, pois:

A principal diferença entre o culto de Kim, na Coreia do Norte, e os cultos similares a Hitler, Stalin e Mao é que o culto norte-coreano não emergiu como um fenômeno em separado da, ou em oposição à, autoridade burocrática do partido governante (...) Ao manter o culto de Kim II-Sung em tal nível de intensidade por tanto tempo, sem cair no terror destrutivo do stalinismo, nem na anarquia da Revolução Cultural chinesa, a Coreia do Norte conseguiu algo bastante notável: um estado estável de crise permanente, uma emergência institucionalizada e contínua (Armstrong, 2003, p. 225).

Durante o passar das décadas e eventual desenvolvimento da RPDC, chegamos aos dias atuais, onde o país segue relativamente isolado na geopolítica, mantendo sua autonomia, ainda em inúmeros fatores inspirada pelo *Zuche*. Nesse contexto, como uma das características de teor socialista encontrada nessa nação e principal objeto de estudo do presente artigo, destaca-se o constitucional fato de que, no país, visa-se o acesso gratuito à moradia, sendo papel do Estado garantir tal direito aos cidadãos, como observado no Artigo 25 de sua Constituição:

A República Popular Democrática da Coreia tem por princípio supremo de suas atividades melhorar constantemente a vida material e cultural do povo. Em nosso país, onde os impostos foram abolidos, a crescente riqueza material da sociedade é destinada inteiramente para promover o bem-estar dos trabalhadores. O Estado provê a todos os trabalhadores plenos condições para comer, vestir e **morar**.

E também no Artigo 28:

O Estado deve industrializar e modernizar a agricultura através da revolução técnica rural e melhorar o papel do município e sua orientação e assistência ao meio rural, a fim de eliminar a diferença entre a cidade e o campo e a distinção de classe entre trabalhadores e camponeses. O Estado encarregar-se-á, a expensas próprias, da construção de instalações de produção para explorações agrícolas cooperativas e **casas modernas** no campo.

Para além da legislação, no ano de 2023, foram entregues novas moradias em vilarejos agrícolas localizados em condados distantes de maior distância em comparação à capital, onde vivem operários agrícolas, que representam a base da civilização trabalhista nortecoreano. Através de uma série de cerimônias e imagens disponibilizadas de forma gratuita na internet – mas solenemente ignoradas pela grande mídia – os trabalhadores receberam as novas casas, dizendo que a “realidade onírica, na qual as modernas casas construídas sob o cuidado especial do Estado são oferecidas gratuitamente aos trabalhadores agrícolas comuns, é uma história lendária que só pode ser ouvida sob o sistema socialista de estilo coreano centrado nas massas populares” (KFA, 2023). Tal colocação demonstra o apreço do público pelo serviço público prestado.

Assim, construindo residências e as distribuindo ao povo, levando em consideração as específicas característica dos indivíduos, como suas profissões, desempenho laboral e tamanho de família, mas visando garantir a todos o acesso à residência em larga escala, a RPDC conquista renome no contexto da construção civil e gestão humanitária, uma vez que tal política revela-se como antagônica à indústria capitalista do mesmo segmento, que, através da propaganda e outras artimanhas do capital, introduz à humanidade o “sonho da casa própria.”

Mas do que se trata esse sonho?

Morar no próprio espaço, viver a própria rotina. Sem necessidade de pagar aluguéis ou ter de lidar com desentendimentos envolvendo as regras impostas por síndicos. A casa própria pode ser compreendida como o pináculo do conceito de propriedade privada, visto que é nesse físico contexto que famílias serão formadas e suas rotinas serão vividas. Mais do que isso, a casa própria surge como elemento largamente cobiçado, pois representa a autonomia do cidadão perante seu meio. Segundo Peruzzo (1984, p.41), a “casa própria não só desempenha um forte atrativo diante das dificuldades financeiras e das incertezas do emprego urbano, como demonstra ascensão social”. Portanto, concebemos que tal realização teoricamente implica, ao imaginário coletivo da sociedade ocidental capitalista, no mais elevado grau de êxito humano.

O sonho da casa própria atualmente caracteriza-se como um objetivo principalmente buscado por jovens, as bases trabalhistas em escala global (EXTRA, 2021), de forma que inspira toda indústria imobiliária, que acaba por lucrar com os investimentos desenvolvidos pelos compradores que, no caso da população menos favorecida, costuma ocorrer por meio de empréstimos com bancos, privação de necessidades básicas em prol da formação de uma poupança, financiamentos à base de juros e outras modalidades que implicam porcentagens de maior inflação aos seus gastos (ECONOMICO, 2021).

Agora que tanto o socialismo *Zuche* quanto o conceito de “casa própria” foram introduzidos, vejamos como se dá as relações imobiliárias no Brasil.

### **Implicações no Contexto Brasileiro**

São muitas as questões envolvendo rescisões e falta de oportunidades laborais em solo brasileiro, sendo que essa é uma mazela histórica, com diretas influências da consolidação de nossa nação enquanto colônia portuguesa. Com o avançar dos séculos, na contemporaneidade imediata, o Brasil segue atravessando um instável período, onde têm-se o medo constante de ocorrerem ainda mais problemáticas relacionadas à sua economia (MARTINS, 2023). Assim, para a grande maioria dos brasileiros, viver em um terreno próprio, sem depender do pagamento em aluguel ou de morar junto à parentes, em favor de suas intenções, é um objetivo distante, uma miragem no deserto, um sonho com remotas chances de ser concretizado, mas que ainda é perseguido por incontáveis proletários dispostos a venderem a força de suas mentes e corpos pelo salário, mesmo que o mínimo, visando um dia, talvez, enfim tornarem-se capazes de serem donos de tão sonhada morada.

Considerando todo o desprendimento trabalhista que o povo brasileiro, em sua maioria, realiza visando tal objetivo de conquista, por vezes até mesmo desistindo da educação acadêmica, por considerar que esta representa um atraso, e focando exclusivamente nos trabalhos mais imediatos, geralmente compostos por irregularidades destoantes aos Direitos Humanos, Aieta e Costa (2022, p. 12) discorrem:

O discurso do sonho da casa própria legitima medidas de facilitação da aquisição da propriedade privada sob o propósito de dar concretude ao direito social de moradia e, assim, atende interesses políticos e econômicos de geração de renda (inclusive para as construtoras) e emprego através da produção de novas unidades habitacionais. Nesse sentido, o discurso do sonho da casa própria é importante ferramenta de disciplina social porque permite criar, através da sua propagação e assimilação, o mercado consumidor da mercadoria-habitação, sem o qual as políticas econômicas disfarçadas de políticas de habitação não atingiriam seus efeitos.

Assim, como em qualquer mercado privado, acabam por serem separados em nichos o público de tais serviços, sendo que os indivíduos que possuem maior poder aquisitivo acabam por possuírem maiores vantagens do que a parcela menos favorecida. Assim, àqueles que não apresentam uma morada somente sua, são relegadas taxações negativas, que acabam por lhe caracterizar de maneira inferior aos indivíduos que supostamente “venceram na vida”.

Essa situação pode ser comprovada ao analisarmos os indicadores interligados àqueles que vivem em situação de rua, possível maior exemplificador das desigualdades sociais, sendo que, de acordo com Cerqueira (2011, p. 70), somos capazes de identificar as questões históricas que resultaram nessa problemática ao considerarmos o passado de nosso país, pois esses índices demonstram que:

Com a abolição da escravatura, há um número expressivo de “livres e libertos”, que, sem emprego, moradia e condições de subsistência, devido à ausência de políticas de integração, vagavam pelas cidades como mendigos, praticando pequenos furtos e se submetendo a condições subumanas de trabalho, oferecendo sua força de trabalho livre, porém concorrendo de forma desigual com os brancos e imigrantes. Sendo assim, o fim da escravidão relegou escravos libertos a viverem nas ruas, sem condições dignas de sobrevivência, e [...] refletiu de forma significativa nos primeiros movimentos das pessoas em direção às ruas no Brasil.

823

Dessa maneira, torna-se válida a afirmação de que “a apropriação das desigualdades raciais pelo capitalismo, tornando-as funcionais ao seu processo de reprodução e de acumulação de riquezas, articulada à dominação e à exploração de classe, contribuiu para que o recorte racial seja um traço permanente da população em situação de rua no Brasil” (OLIVEIRA; MARTINS, 2022, p. 410), pois é justamente o racismo estrutural vigente em nossa sociedade, influenciado pelo capitalismo selvagem que nos rege, de origens eurocêntricas e colonizadoras, responsável pelo gerenciamento antagônico a população negra, que literalmente serviu como escrava a seus caprichos e ainda, mesmo tempos após a abolição, segue sendo considerada como menos merecedora de tratamentos humanizados, estando muitos de seus representantes vivendo por entre os perigos das ruas.

Nota-se que, naturalmente, existem também pessoas brancas dentre os moradores de rua. Mas é incontestável o fato de que os negros são maiores representantes, tanto pelo volume empiricamente comprovado como também contexto histórico, como anteriormente através de citações validado. Ademais, de uma forma ou de outra, segue sendo a administração do capital a expurgar aqueles que não se adequam em seu modelo às ruas.

Tal caracterização social logra em atestar algumas das principais concepções produzidas por Aieta (2016, p. 1626-1627), em conformidade à Foucault (2013), ao afirmar:

[...] a noção de cidade mais interessante se revela na construção conceitual de BERMAN ao asseverar que a “Cidade é o lugar para nós e para aqueles que virão depois de nós; o lugar para os que continuarão lutando para fazer com que nos sintamos em casa neste mundo. A cidade traz o sentimento de estarmos em casa” (BERMAN, 2007). Mas, o que vemos hoje? O que vemos nas capitais, nas médias e nas grandes cidades? Uma realidade dispare daquilo que se pensa e se almeja. A arquitetura do medo, nos trazendo assombros, como nas propostas hobbesianas. Tal moldura do medo se revela no aparecimento das incontáveis grades nas residências, na vida em condomínios, nos edifícios públicos, em um convívio permanente e forçado com a violência. [...] A cidade deve ser basicamente o lugar de habitação e a organização da cidade deve atender a essa finalidade: a cidade deve cumprir uma função social e fundamental que sobreleva a todas as possibilidades nela existentes: dar habitação, assegurar os direitos sociais como um todo, atendendo as necessidades humanas de sobrevivência, de existência e também de felicidade. [...] Os novos meios de comunicação, compostos de toda sorte de recursos, também escravizam o homem, tornando nosso cotidiano extremamente veloz. E tais demandas maculam tanto o espaço de convivência pública, pois as pessoas não têm tempo para realizar suas atividades cotidianas de forma satisfatória, assim como mesmo no universo da privacidade doméstica, o convívio familiar tornou-se mais difícil pelo tempo em se deslocar nas grandes cidades.

Além dos seres humanos relegados a sobrevivência nas ruas, destaco também àqueles encarcerados em comunidades mais humildes, comumente nomeadas como “favelas”, pois tais localidades representavam, em uma pesquisa de 2021, o espaço social de uma população estimada em 17,1 milhões de brasileiros (SALLES, 2021). Nesses lugares, a violência é tremenda, tanto por parte de criminosos como dos próprios supostos agentes representantes da lei e da ordem, constantemente judicialmente intimados pela ocorrência de opressão ao povo que deveriam proteger (BERRIEL, 2019). Trata-se de uma existência pautada no medo, em uma vida sem grandes perspectivas, pois o próprio Estado menospreza aqueles que por ali vivem, que, novamente, são de maioria negra.

Levando em consideração a existência de moradores de rua no Brasil e no mundo, sendo que tal amostragem em nosso país revela-se como surpreendentemente elevada, ao constatarmos que o valor, de acordo com uma pesquisa realizada pelo IBGE no ano de 2022, à época já superava 281.472 pessoas (MONTFERRE, 2022) e de cidadãos que batalham pela dignidade em favelas; compreendendo os desafios encontrados pelo proletário brasileiro na busca por empregos dignos e sua incansável busca pela casa própria e principalmente relevando a construção social que tal concepção civil representa para a sociedade e mercado imobiliário, compreende-se a opressora dificuldade que é alcançar tal objetivo, visto que o trabalhador honesto precisa enfrentar incontáveis problemáticas sociais – além das duas mais analisadas durante a realização desse trabalho, existem muitas demais em toda

extensão territorial do país – em sua busca. Enquanto isso, na RPDC, constantemente atacada pela mídia e tida como privada de direitos civis, têm-se constitucionalmente o direito à moradia, comprovadamente fornecida ao povo trabalhador, de maneira garantida pelo Estado, como determina toda conceituação do socialismo *Zuche*, inspirado pela oposição ao capital (CEPS, 2023).

Como forma de buscar a elevação dos direitos sociais interligados à moradia em solo brasileiro, surge no país o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra<sup>26</sup>, cuja proposta estabelecida visa a conclusão da Reforma Agrária no Brasil e o estabelecimento de uma melhor realidade à população, com base na obtenção de terra para trabalho e moradia, garantindo uma vida digna ao trabalhador (MST, 2023).

Ainda que munido de tais virtuosas intenções e historicamente tendo irrefutável relevância no acesso de famílias aos direitos básicos humanos, relegados pelo Estado, o movimento sofre, tal qual a RPDC, grande antagonismo midiático, que os restringem a facção terrorista responsável por “invadir, depredar, incendiar, ameaçar, destruir plantações, roubar e matar o gado” (AZEVEDO, 2022). Isso ocorre, também de maneira semelhante à situação envolvendo a RPDC, pelo fato de o MST promover uma luta radical contra o sistema pelos poderosos impostos aos trabalhadores, justamente aqueles que validam suas fortunas.

825

Portanto, definimos que, através do próprio capitalismo, modelo econômico cuja ascendência ocorre justamente por conta do colonialismo de nações que tornaram-se superpotências com o passar dos séculos e explorações dos recursos naturais e conflitos bélicos com povos originários de terras estrangeiras, incluindo a Coreia e o Brasil, gera-se tanto as problemáticas como também as “soluções” – entre várias aspas – para os mesmos, visto que tais caracterizam-se como teoricamente possíveis, sendo acessíveis para uma parcela da população, abastada por conta de suas medidas explorativas ao proletário. Mas, ao povo comum, não passa de um sonho, algo que os motiva a continuar trabalhando, seguir produzindo e enriquecendo terceiros, enquanto são relegados ao mínimo, ao sub-humano. Além disso, viu-se que movimentos em prol da população brasileira enfrentam mentiras, por remarem contra a maré do capital.

De maneira conclusiva ao desenvolvimento desse trabalho, destaco mais uma tragédia: apenas 1% da população brasileira – os trabalhadores – concentra 50% da riqueza total produzida no país (UOL, 2021). Será realmente tão contraditório, tão diabólico e errado,

---

<sup>26</sup> MST.

tão radical e comunista dizer o óbvio? Mudanças precisam ser feitas, essa não pode ser a realidade do Brasil.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No primeiro capítulo desse trabalho, visou-se consolidar todo um resumo sobre pontos importantes relacionados à historicidade da República Popular Democrática da Coreia, destacando parte – uma fração bem pequena, em comparação aos detalhes mais sórdidos – do sofrimento que tal nação vivenciou nas mãos estrangeiras, tanto do Império Japonês como dos Estados Unidos da América, sendo que a influência deste último segue pairando sobre a península, em constante estado de antagonismo, exemplificado pela difusão de notícias falsas e embargos econômicos aplicados.

Em sequência, foram-se explorados alguns dos conceitos do socialismo *Zuche*, trazendo, novamente, a historicidade por detrás de sua ascensão na RPDC e sua consolidação como modelo socioeconômico do país, bem como suas benéficas implicações, comprovadas através de exatas porcentagens matemáticas. Nesse mesmo capítulo, falou-se também da garantia à moradia, constitucionalmente definida pela RPDC, e apresentou-se o modelo vivenciado por grande parte do Ocidente, com o mercado capitalista da construção civil, que implica à população o “sonho da casa própria”, que valida o trabalho do proletário e influência nos lucros desse mercado, embasando-se na geração de dívidas dentre o populacho.

826

Por fim, explorou-se as implicações desse caso no Brasil, onde a pobreza apresenta níveis extremos e a maior parte do povo recebe salários por seus trabalhos que se encontram abaixo do mínimo estabelecido, tendo que recolher-se para favelas ou para as ruas, ambos contextos de enorme risco para a salubridade humana e reputação social. Aqui também foi citado um movimento que promove os direitos civis do proletário, mas que enfrenta resistência da grande mídia, tal qual a RPDC.

Vale ressaltar que o trabalho não busca simplesmente dizer que o Brasil deveria seguir os moldes da RPDC e instaurar o socialismo *Zuche*, até porque, tal ideologia nortecoreana encontra-se tão conectada ao nacionalismo da península, que seria impossível simplesmente pegar o mesmo modelo e aplicar às terras brasileiras – embora seja possível inspirar-se em partes. Não, a razão para a elaboração dessas páginas revela-se como sendo comprovar que, embora muito criticada e desvalorizada com base de enganações produzidas por colonizadores, a RPDC é capaz de garantir um direito que o Brasil, capitalista e em crise,

e muitas outras nações, como os próprios EUA, não conseguem, pois priorizam o lucro capital ao invés da dignidade humana.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AIETA, Vania Siciliano. **Cidades inteligentes: uma proposta de inclusão dos cidadãos rumo à ideia de “cidade humana”**. Revista de Direito da Cidade, Rio de Janeiro, v. 08, n. 4. p. 1622-1643, 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/rdc/article/view/25427/19155>. Acesso em: 31 de mar. 2023.

AIETA, Vania Siciliano; COSTA João Marcelo Sant`Anna da. **O Dócil Sonho da Casa Própria**. Pensar, Fortaleza, v. 27, n. 1, p. 1-13, jan./mar. 2022. Disponível em:<<https://ojs.unifor.br/rpen/article/view/11175/6762>>. Acesso em: 18 de mar. 2023.

ARMSTRONG, Charles K. **The North Korea Revolution, 1945 – 1950**. London: Cornell University, 2003.

AZEVEDO, Reinaldo. O MST E O TERRORISMO OFICIALIZADO. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/reinaldo/o-mst-e-o-terrorismo-oficializado/>. Acesso em: 06/09/2022.

BARREIROS, Isabela. **Do Corte de Cabelo a Existência de um Animal Mitológico: 5 Mitos Sobre a Coreia do Norte**. Aventuras na História, 2020. Disponível em:<<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/almanaque/historia-5-mitos-sobre-coreia-do-norte.phtml>>. Acesso em: 18 de mar. 2023.

827

BERRIEL, Virgínia. **As Vidas nas Favelas e Periferias Importam**. Disponível em:<<https://www.cut.org.br/artigos/as-vidas-nas-favelas-e-periferias-importam-f44a>>. Acesso em: 31 de mar. 2023.

CEPS. **Conheça as Casas que Kim Jong Un Está Construindo nas Áreas Rurais da Coreia do Norte**. 2023. Disponível em:< <https://cepsongunbr.com/2023/03/01/conheca-as-casas-que-kim-jong-un-esta-construindo-nas-areas-rurais-da-coreia-do-norte/>>. Acesso em: 31 de mar. 2023.

CERQUEIRA, Amarantha Sá Teles de. **Evolução do processo social população em situação de rua: um estudo sobre pobreza, necessidades humanas e mínimos sociais**. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) –Departamento de Serviço Social, UnB, Brasília, 2011. Disponível em: [www.bdm.unb.br/bitstream/10483/2573/1/2011\\_AmaranthaSaTelesdeCERQUEIRA.pdf](http://www.bdm.unb.br/bitstream/10483/2573/1/2011_AmaranthaSaTelesdeCERQUEIRA.pdf). Acesso em: 31 de mar. 2023.

CHOI, Chang Yoon. **Interests and Policies of the Soviet Union and China toward the Korea Peninsula as Viewed from the Sino-Soviet Conflict..** In: KWAK, Tae-Hwan; PATTERSEN, Wayne; OLSEN, Edward A. **The Two Korean in Word Politics**. Masan: Institute for Eastern Studies. 1983.

CUMINGS, Bruce. **El Lugar de Correa en el Sol: una história moderna**. Córdoba: Comunicarte, 1997.

CUMINGS, Bruce. **North Korea: Another Country**. New York: The New York Press. 2004.

DARWIN, Charles. **A Origem das Espécies: A Origem das Espécies por Meio da Seleção Natural ou a Preservação das Raças Favorecidas na Luta Pela Vida**. 1859.

DELPPIERRE, Guy. **La Peur Et L'être**. Privat, 1973.

DELUMEAU, Jean. **História do Medo no Ocidente**. Companhia de Bolso, 2009.

ECONOMICO, Panorama. **Quando o Sonho da Casa Própria se Tona o Pesadelo do Bolso Vazio**. 2021. Disponível em:< <https://exame.com/colunistas/panorama-economico/quando-o-sonho-da-casa-propria-se-torna-o-pesadelo-do-bolso-vazio/>>. Acesso em: 01 de abr. 2023.

EXTRA. **Sonho da Casa Própria é Maior Entre os Jovens, diz Pesquisa**. 2021. Disponível em:<<https://extra.globo.com/economia-e-financas/suas-contas/castelar/sonho-da-casa-propria-maior-entre-os-jovens-mostra-pesquisa-25394009.html>>. Acesso em: 01 de abr. 2023.

FRENCH, Paul. **North Korea: The Paranoid Peninsula**. London: Zed, 2005.

HA, Joseph M. **The Impact of the Sino-Soviet Conflict on the Korean Peninsula**. In: KWAK, Tae-Hwan; PATTERSEN, Wayne; OLSEN, Edward A. **The Two Korean in Word Politics**. Masan: Institute for Eastern Studies. 1983.

KFA. **Mais moradias rurais modernas são entregues ao povo na Coreia**. Disponível em:<<https://blog.portalarpdc.com/mais-moradias-rurais-modernas-sao-entregues-ao-povo-na-coreia/>>. Acesso em: 27 de mar. 2023.

828

LEE, Ki Baik. **A New History of Korea**. Seoul: Ilchokak, 1984.

MARTINS, Raphael, Gi. **Desemprego Sobe a 8,6% no Trimestre Encerrado em fevereiro, diz IBGE**. Disponível em:<<https://g1.globo.com/economia/noticia/2023/03/31/desemprego-sobe-a-86percent-no-trimestre-encerrado-em-fevereiro-diz-ibge.ghml>>. Acesso em: 31 de mar. 2023.

MONTFERRE, Helio. **População em Situação de Rua Supera 281, 4 Mil Pessoas no Brasil**. Disponível em:< [MST. \*\*Quem Somos\*\*. 2023. Disponível em:<<https://mst.org.br/quem-somos/>>. Acesso em: 01 de abr. 2023.](https://www.ipea.gov.br/portal/categorias/45-todas-as-noticias/noticias/13457-populacao-em-situacao-de-rua-supera-281-4-mil-pessoas-no-brasil#:~:text=Trata-se%20de%20uma%20expansão,Geografia%20e%20Estatística%20(IBGE).> . Acesso em: 31 de mar. 2023.</p></div><div data-bbox=)

OLIVEIRA, Icaro Aron Paulino Soares de. **Constituição da República Popular Democrática da Coreia do Norte de 1972 (revisada em 2016)**. Disponível em:< <https://jus.com.br/artigos/98055/constituicao-da-republica-popular-democratica-da-coreia-do-norte-de-1972-revisada-em-2016>>. Acesso em: 27 de mar. 2023.

OLIVEIRA, Rafaela Barbosa de; MARTINS, Valter. **O Recorte Racial Como Traço Permanente da População em Situação de Rua no Brasil**. Revista Libertas, Juiz de Fora, v.22, n.2, p. 403-421, jul. / dez. 2022. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/libertas/article/view/38242/25284>>. Acesso em: 31 de mar. 2023.

PERUZZO, Dilvo. **Habitação e espoliação**. São Paulo: Cortez, 1984.

R7. **Comunismo: Coreia do Norte Mata Grávidas e Crianças, Esteriliza Anãs e faz Experiências com Humanos**. 2023. Disponível em: <[SALLES, Stéfano. \*\*Cerca de 8% da População Brasileira Mora em Favelas, diz Instituto Locomotiva\*\*. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/cerca-de-8-da-populacao-brasileira-mora-em-favelas-diz-instituto-locomotiva/>>. Acesso em: 31 de mar. 2023.](https://noticias.r7.com/internacional/coreia-do-norte-mata-gravidas-e-criancas-esteriliza-anas-e-faz-experiencias-com-humanos-31032023#:~:text=A%20Coreia%20do%20Norte%20cometeu,quinta-feira%20(30).></a>>. Acesso em: 01 de abr. 2023.</p></div><div data-bbox=)

SCHWEKWNDIEK, Daniel. **A Socioeconomic History of North Korea**. Jefferson: McFarland & Company, 2011.

UOL. **Desigualdade Aumenta no Brasil, e 1% da População Concentra 50% da Riqueza**. Disponível em: <<https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2021/06/24/distribuicao-riqueza-nacional--brasil.htm>>. Acesso em: 31 de mar. 2023.

829

UOL. **Ditador da Coreia do Norte Impõe o Próprio Corte de Cabelo aos Homens do País**. 2014. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2014/03/26/ditador-da-coreia-do-norte-impoe-o-proprio-corte-de-cabelo-aos-homens-do-pais.htm>>. Acesso em: 18 de mar. 2023.

VISENTINI, P. G. F.; PEREIRA, A. D.; MELCHIONA, H. H. **A Revolução Coreana: o desconhecido socialismo Zuche**. 1. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2015. v. 1. 196p.